

# TESSITURAS DE UM GRUPO DE PESQUISA: POSSIBILIDADES E DESAFIOS NA FORMAÇÃO EM LICENCIATURA

Rosângela Veiga Júlio Ferreira<sup>1</sup>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4333-0192>

Luciene Celina Cristina Mochi<sup>2</sup>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4451-898X>

Grace Kelly Dos Santos Candido<sup>3</sup>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5489-6859>

## 1. APRESENTAÇÃO

O objetivo deste relato de experiência é apresentar uma narrativa sobre as contribuições do grupo de pesquisa Linguagem, Infâncias e Educação (LINFE) na formação em licenciatura em Letras – Português, refletindo sobre como as escolhas teóricas e metodológicas desse grupo vêm contribuindo com um aporte para o exercício inicial da docência. Para tal, faz-se necessário apontar que se trata da experiência de uma professora de Língua Portuguesa (LP) que, durante a narração em tela neste texto, era graduanda em licenciatura em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e integrante do grupo de pesquisa LINFE há cerca de dois anos. Ao lado disso, respondeu como professora de LP do curso Pré-vestibular Social São Pedro (PVSSP) nos anos de 2020 e 2021. O relato é compartilhado com outras pesquisadoras do grupo de pesquisa pela parceria no processo de diálogo com o que se operou no exercício da docência, mesmo antes da obtenção do título.

A formação docente, para causar um impacto significativo no(a) graduando(a) pode ser constituída de pilares, para além do currículo disciplinar

---

<sup>1</sup> Professora do Ensino Básico Técnico e Tecnológico (EBTT) do Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF. Atualmente, é vice-líder do grupo de pesquisa Linguagem, Infâncias e Educação (FACEd/UFJF) e pesquisadora do CAEd/UFJF. Pós-doutora, Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: [rosangelaveiga.ferreira@ufjf.br](mailto:rosangelaveiga.ferreira@ufjf.br)

<sup>2</sup>Técnica pedagógica no Núcleo Regional de Educação de Maringá (NRE). Professora-pesquisadora do Manna Academy: ecossistema de pesquisa, extensão e difusão de tecnologia e educação 5.0 (UEM). Doutora em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora/MG. E-mail: [lucienemochi@gmail.com](mailto:lucienemochi@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestranda em Educação e graduanda em licenciatura em Inglês e respectivas literaturas pela Universidade Federal de Juiz de Fora/MG. Licenciada em Letras Português e respectivas literaturas pela Universidade Federal de Juiz de Fora/MG. E-mail: [grace.candido@letras.ufjf.br](mailto:grace.candido@letras.ufjf.br)

proposto. Com isso, por impacto significativo, entendemos aquele promovido por uma formação a qual articula a teoria com a prática, e vice-versa, possibilitando construções de sentido realizadas pelo estudante a respeito dos objetos de estudo, entendendo que “viabilizar e vivenciar um currículo que opera com ensino, com pesquisa e com projetos de diferentes práticas também curriculares é (...) se atentar às trajetórias, caminhos e percursos dos sujeitos nesse espaço” (Araújo, 2019, p. 23).

Dessa forma, Araújo evidencia a necessidade de outros formatos de aprendizagem desde a graduação – pesquisa e extensão – para a formação discente na universidade. Assim, os grupos de pesquisa colaboram com o aprimoramento dos(as) graduandos(as), bem como contribuem com a finalidade do Ensino Superior de “incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive” (Brasil, 2019, p. 32).

A nosso ver, o grupo de pesquisa LINFE funciona como importante via na formação em licenciatura e, nesse sentido, analisar suas contribuições, assim como ter clareza de possíveis limites, reitera seu lugar social na formação de professores. Tal lugar vem sendo traçado a partir do entrelaçamento entre a teoria de Bakhtin e o campo da educação, quer seja buscando pensar sobre como pesquisas na área de Ciências Humanas contribuem para a compreensão de enunciados produzidos num dado contexto interacional. Essa escolha se pauta não só por embasar as discussões proporcionadas no grupo LINFE, mas também por oferecer uma epistemologia a qual permite ao estudante analisar e articular as suas práticas às teorias estudadas na universidade.

Neste relato, é apresentada uma experiência vivenciada pela professora em tela com discentes de um curso pré vestibular social, experiência esta que nasce da interação com leituras e resultados de pesquisas desenvolvidas no grupo. A análise dos enunciados produzidos nessas interações são objetos de reflexão sobre possibilidades e desafios desse grupo, considerando esse lugar social na formação de professores.

## **2. CONTEXTOS EM QUE OCORRE A AÇÃO**

O primeiro contexto é o grupo composto por estudantes da graduação, mestrado, doutorado, professores(as) da universidade, professores(as) e gestores(as) da educação básica que atuam em redes estaduais, municipais e particulares. O grupo de pesquisa vem tecendo sua trajetória a partir de leituras de temas como: educação, leitura, literatura, formação de professores, infância, entre outros, entendendo, metodologicamente falando, a linguagem como algo vivo e dinâmico que se dá na interação com o(s) outro(s) com quem dialogamos numa cadeia dialógica de enunciados (Ferreira; Micarello, 2022). Os atos de formação, entendidos como passos que nos colocam diante de contextos, são articulados com os encontros, proporcionando uma formação leitora reflexiva em diálogo com resultados de pesquisas que lançam luzes para pensar em torno dos desafios contemporâneos para a formação de leitores.

O segundo a ser especificado neste relato é o PVSSP<sup>4</sup> no qual uma das autoras atuou como professora de LP em uma turma constituída de 30 estudantes, aproximadamente. O corpo discente era formado, preferencialmente, por quem estivesse pleiteando uma primeira graduação e não possuía condições econômicas para custear um curso particular. Esse curso insere-se no contexto de uma educação popular, cujo objetivo é o de contribuir para que os(as) estudantes consigam acesso à universidade, e atrelado a esse objetivo está o de instituir “uma relação dialética com a cultura e que, portanto, não poderia a experiência educativa sobrepor-se à realidade contextual desses sujeitos, sob pena de repetir as falhas da educação alienada” (Brandão e Fagundes, 2016, p. 96 e 97).

São nesses contextos que se coloca o compromisso da universidade com a formação de professores, orientando experiências desde a Graduação, o que é mote de discussão neste texto.

### **3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Para o percurso teórico, trazemos os conceitos bakhtinianos de dialogismo e ato responsável para compreender os enunciados, entendidos como textos, produzidos pelos estudantes do curso em interação com a

---

<sup>4</sup> Trata-se de um curso público, voluntário, gratuito e laico, localizado no município de Juiz de Fora.

proposta de formação do leitor ancorada em estudos desenvolvidos no grupo de pesquisa.

Defendemos que os enunciados são dotados de potência capaz de ampliar a perspectiva sobre os objetos estudados, bem como empiria sobre a qual se debruça a graduanda que propôs as interações discursivas e as interpreta em diálogo com as pesquisas do grupo. Isso porque “o real se apresenta para nós semioticamente [...] se não temos relação com as coisas, mas com os discursos que lhes dão sentido, o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem”. (Fiorin, 2006, p. 167).

Nesse sentido, compreendemos que o dialogismo, como é concebido por Bakhtin (2006) e explicitado por Fiorin, possibilitam a construção coletiva da consciência do discente-docente em formação, sobre o seu lugar no mundo. Essa cadeia dialógica de enunciados se dá como um conjunto de fios os quais costuram, infinitamente, o tecido do diálogo, pois cada enunciação ressoa tanto em enunciados anteriores à cadeia discursiva, quanto nos quais a sucedem de forma contínua, pois “um enunciado é apenas um elo de uma cadeia, só podendo ser compreendido no interior dessa cadeia” (Jobim, 2016, p. 20).

Portanto, as experiências compartilhadas no grupo são, como dito, o fio condutor das reflexões apresentadas neste relato, que trazem desafios e possibilidades de tessituras de uma formação inicial para a docência. Nesse percurso é possível assumir um ato de responsabilidade (Bakhtin, 2010) para o qual, do lugar único de existência de cada um de nós, respondemos responsabilmente por aquilo que é ético e estético na interação com contextos educacionais que se voltam para a formação de leitores.

#### **4. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA**

Tendo por base essas reflexões advindas das interações com o contexto grupo de pesquisa e diante do desafio de promover a formação de um leitor que pensa sobre o que lê, pudemos desenvolver uma aula-evento sobre a qual vamos narrar como foi desenvolvido e trazemos um recorte dos diálogos estabelecidos no segundo contexto: o curso. Considerando o recorte necessário para atender o tamanho do relato, a escolha foi por trazer sete enunciados de estudantes.

Partindo da compreensão do texto como um mapa e da construção de significado como experiências dos sujeitos, a aula iniciou-se por meio do levantamento de hipóteses realizadas pelos(as) estudantes(as) sobre os conceitos de “coletividade” e “esperança”. Diante disso, Criou-se uma “nuvem de palavras” a partir do acervo de respostas a seguinte pergunta: “O que te lembra a palavra coletividade?”. Essa ação iniciou o diálogo sobre o conceito a partir das palavras escolhidas pelos(as) discentes, pois a dinâmica permite, de forma anônima, que os(as) estudantes escrevam até 10 palavras ou frases relativas à pergunta. Assim, 18 termos foram escolhidos e discutidos na sequência do encontro tendo por base a leitura de trechos do gênero ensaio da autoria de Audre Lorde.

Em seguida, foi apresentada uma breve biografia de Audre Lorde, para a familiarização dos(as) estudantes com a autora, antes de abordar a sua perspectiva sobre o conceito de coletividade. Tal ação foi realizada por entender que a constituição de cada sujeito e de suas concepções ocorre a partir do seu contexto histórico e social, portanto, ampliou-se o significado do texto de Lorde. Além disso, o livro “Irmã Outsider” também foi exposto por meio da sua sinopse e de uma fala da autora Djamilia Ribeiro, presente na quarta capa do livro de Lorde. Depois da apresentação, os(as) estudantes(as) foram questionados(as) se conheciam a ativista, a fim de apurarmos seus conhecimentos prévios. Entretanto, nenhum a conhecia, mas alguns demonstraram interesse pela autora e pelo livro. Prosseguindo, foi realizada a leitura de trechos do livro de Lorde e, para fins de exemplificação de trechos debatidos no encontro, destacamos o seguinte excerto: “Não sou livre enquanto qualquer outra mulher for prisioneira, ainda que as amarras dela sejam diferentes das minhas. E não sou livre enquanto uma pessoa de cor permanecer acorrentada” (Lorde, 2019 p. 166).

O fragmento reportado acima foi o que guiou os(as) estudantes(as) na reflexão a respeito do texto da escritora. Com esse propósito, eles foram relidos e foi sendo estabelecida relação com os termos escolhidos na nuvem de palavras. Nessa interação texto da autora/referências de mundo dos estudantes enunciados foram produzidos na busca por um processo de significação para o tema da aula: coletividade.

Uma estudante remeteu à palavra que ela escreveu na nuvem: “revolução”. Em seu enunciado é possível identificar elementos do texto de Lorde, demonstrando uma apropriação do conteúdo em tela no encontro. Para a estudante a coletividade é fundamental para promover uma revolução: *“eu coloquei revolução porque para se ter revolução, tem que ter união, porque não é só uma pessoa que faz revolução, precisa ter muitas pessoas<sup>5</sup>”* (estudante 1). A discente ainda acrescenta sobre a escolha da palavra “sororidade” ao dizer que *“Sororidade também coloquei por isso. Esse é um termo muito utilizado no feminismo e é a irmandade entre as mulheres, elas se apoiarem”*. Por fim, acrescenta a respeito do poder do coletivo: *“No caso do George Floyd<sup>6</sup> só teve justiça porque tiveram as manifestações, porque senão o policial que o matou estaria solto até hoje. Precisou que o mundo inteiro gritasse para se ter justiça, fora os casos que não têm. Aqui no Brasil principalmente”*.

No segundo momento da aula, os estudantes responderam à pergunta: “O que te lembra a palavra esperança?” e construíram uma nuvem de palavras. Como a primeira parte da aula, foi lida uma pequena biografia de Paulo Freire e fragmentos de uma entrevista dele concedida à revista Nova Escola, como por exemplo: “Se não houver esperança, não tem por que continuar o histórico. A esperança é a história, entende? No momento em que você definitivamente perde a esperança. Você cai no imobilismo.” (FREIRE, 1993, p. 09). Após a leitura, as interações realizadas a partir da discussão sobre a palavra “coletividade”, foram articuladas com “o perigo do imobilismo” citado por Freire, bem como com a construção histórica e social da esperança. A partir desse momento, a mesma estudante afirmou *“Eu acho que o pessoal está com pouca esperança, na verdade. ‘Por que a gente não muda?’, a gente não muda porque as pessoas estão sem forças pra mudar”* (estudante 1). Já outra discente acrescentou *“Acredito que a esperança é um combustível para a gente viver, principalmente no Brasil”* (estudante 2). Outro ainda compartilha uma reflexão voltada para si mesmo *“Que também vem muito da gente acreditar que tem um propósito de vida. Eu inclusive tenho que melhorar esse ponto”* (estudante 3).

---

<sup>5</sup> A opção foi trazer os excertos dos enunciados em itálico para distinguir da citação de autores.

<sup>6</sup> Este caso de violência mobilizou movimentos como antirracistas como o “Black Lives Matter”.

Ao fim da aula, os (as) discentes demonstraram interesse em que houvesse mais as “aulas-debate”, pois como afirmou o estudante 3 “*Ajuda a pensar melhor fora da nossa caixinha*”. Em seguida, os estudantes apresentaram um maior envolvimento e participação nas aulas posteriores da disciplina.

## **5. AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS**

Esta experiência lança luzes para as possibilidades na articulação com os contextos para a formação. A escolha por trazer Lorde e Freire mobilizou conhecimentos dos estudantes sobre a temática central da aula e provocou a produção de enunciados que evidenciaram experiências de mundo. Nesse sentido, as possibilidades que se operaram nessa aula-evento ocorreram pela inserção da professora em formação no grupo de pesquisa LINFE. Isso porque pensar no ensino de estratégias de leitura como ato responsivo e formar-se leitora a partir da ampliação do repertório são atos constantes nas escolhas teórico-metodológicas desse grupo.

Todavia, há fatores em jogo como a necessidade de um trabalho articulado com outros profissionais envolvidos nessa formação de licenciatura para potencializar as interações. Com isso, essa continuidade poderia influenciar o processo de atribuições de significado para o que se aprende, considerando o compromisso social de promoção de uma educação equânime e de qualidade.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O sustentáculo da pesquisa na graduação pode permitir a construção de um elo entre universidade e sociedade, por meio do ato responsivo do discente-docente, que reverberam na prática pedagógica em outros espaços públicos de educação.

Dessa maneira, a aula-evento desenhou-se uma cadeia de enunciados que parte das experiências dos estudantes (nuvem de palavras), dialoga com o contexto do sujeito de produção do texto (biografias), encontra-se com o texto-mapa (trechos dos autores) e lança um olhar exotópico sobre as análises dos enunciados que compõem este relato.

## 7. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. B. Formação docente: sujeitos, saberes e práticas. **Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 6, n. 6, p. 20-28, 2019.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 1. ed. São Carlos: Pedro e João, 2010.

BRANDÃO, C. R.; FAGUNDES, M. C. V. Cultura popular e educação popular: expressões da proposta freireana para um sistema de educação. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 61, p. 89-106, jul./set. 2016.

BRASIL. Lei 9.394, de 26 de Dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 3. ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2019. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/559748>. Acesso em 15 de ago. 2021.

FERREIRA, R. V. J.; MICARELLO, H. A. L. da S. **Conhecimentos em cadeias dialógicas de enunciados: linguagem, infâncias e educação nas produções de um grupo de pesquisa em Ciências Humanas**. 1. ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

FIORIN, J. L. **Interdiscursividade e intertextualidade**. In: BRAIT, B. (org.). Bakhtin: outros conceitos-chave. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2006. p.161- 194.

FREIRE, P. Nós podemos reinventar o mundo. [Entrevista concedida a] Moacir Gadotti, **Nova escola**, p 8–13, nov. 1993.

JOBIM, S. S. **Infância e linguagem**. In: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Ser criança na educação infantil: infância e linguagem. 1.ed. Brasília: MEC /SEB, 2016. p. 13-43.

LORDE, A. **Irmã outsider** 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.